

“ Da tradição irreverente, nasce a história do presente.”

Coimbra! Cidade encantada. Berço das tradições. Ainda ingénuo me cruzei no teu caminho (ou cruzaste-te tu no meu) e assim crescemos, conhecendo um sítio diferente a cada etapa, vivendo um tempo diferente a cada toque da Cabra. Não sei como seriam estes verdes anos sem ti, sem teres feito nascer a história do meu presente.

Todos os que em ti viveram, certamente recordam a tua maneira irreverente de ser, inconformista, certa de si mesma mas, ao mesmo tempo, a doce cidade que acolhe nos seus braços todos os que nela ousam entrar. É ousadia entregar assim o destino a este sublime acaso que é estudar em Coimbra.

A inexorável passagem do tempo corre como o Mondego e nós só queremos desesperadamente que fiques, por mais um segundo, por mais um passo, por mais uma memória, por mais uma balada. Para te termos connosco sempre, sem nunca ter fim. E, no último acorde, no último traçar de capa, tudo se conjuga para nos fazer voar e crescer para um futuro incerto. Para que o rio possa encontrar, um dia, o mar num deflagrar de (triste) alegria interminável – a inocência acabou.

Por tudo aquilo que nos deste: pelos amores e desamores, pelos dias que pareciam infundáveis, pelas noites repletas de felicidade e madrugadas de melancolia, pelas memórias turvas, pelo fracasso e pelas conquistas. Pelas pessoas com que me cruzei (ou que se cruzaram, como tu?). Pelo último bater da Cabra. Pelo último soar do rio Mondego. Por ti, Coimbra! Que ainda menino a ti cheguei, mas homem saio.

Nunca se preparam despedidas e é por isso que não me despeço de ti. És e serás sempre parte da minha vida, o meu pedaço mais bonito. Como se costuma dizer, nunca te esperei e, mesmo assim, encontrei-te!

Oh, Coimbra! Agora que já somos invadidos por este sentimento agridoce, inevitavelmente damos conta de que és tu que verdadeiramente nos ensinas a dizer Saudade. E que lição!